

DEPOIMENTO

MARIA CANDIDA BORDENAVE

A HISTÓRIA DO CURSO DE TRADUÇÃO DA PUC-RIO

Antes de mais nada, gostaria de agradecer aos professores de Tradução — a Marcia, a Maria Paula e o Paulo — por este belo convite para falar a vocês hoje, o que me deu a oportunidade de rever, recordar com certa saudade, mas feliz, os anos que passei aqui dedicando-me ao Curso de Tradutor-Intérprete.

Para que vocês conheçam a história do curso, vou ser uma contadora de histórias, ocupação que surgiu ultimamente com grande sucesso. Vou contar a vocês sobre a origem do curso, como foi implantado, as peripécias que enfrentamos, dificuldades e sucessos, voltas e reviravoltas, sempre com muita garra, companheirismo e energia, tendo o maior apoio do Departamento. Querem ouvir a história?

Como afirmei em entrevista a *Cadernos de Tradução*, da Universidade Federal de Santa Catarina, citada pela Marcia Martins em seu trabalho “A institucionalização da tradução no Brasil: o caso da PUC-Rio”¹, “grandes transformações foram constatadas na área da tradução: a grande novidade foi a criação de cursos universitários de formação de tradutores em todo o país, provocando um renovado interesse pela área, seus fundamentos, seu ensino e, necessariamente, sua pesquisa.”

Como início, vou unir a história oficial, objetiva e institucional do Departamento de Letras à história pessoal, às vezes picaresca da protagonista, no caso, eu.

A 28 de novembro de 1968, o MEC fez aprovar a lei nº 5540 de Diretrizes e Bases, dando novo fôlego ao ensino universitário no Brasil. Num momento de lucidez, o Ministério da Educação constatou que corações e mentes apaixonados pela palavra, dedicados ao conhecimento da linguagem, essa capacidade humana de criação, construção, comunicação — isto é, nós de Letras — estávamos nos preparando profissionalmente apenas para a Licenciatura (não que eu despreze ou diminua a arte de ensinar, que é apaixonante e é a minha vocação primeira), mas ele, o Ministério, resolveu

¹ N.E.: MARTINS, M. A. P. A institucionalização da tradução no Brasil: o caso da PUC-Rio. *Cadernos de Tradução* (UFSC), v. XIX, p. 175-197, 2007.

ampliar e enriquecer os objetivos de Letras, criando as habilitações de tradutor-intérprete, revisor, assessor, secretário-executivo, crítico-literário, pesquisador.

Ignoro de onde veio a inspiração sábia e oportuna de oferecer aos estudiosos de Letras tal leque de opções, de dimensões infinitamente maiores, que os levariam a conhecer o universo da capacidade humana.

Eis colocado o cenário institucional, a universidade — no caso, a PUC-Rio.

Aqui entro eu: mãe de seis filhos, recém-chegada do estrangeiro, precisava trabalhar. Havia feito o curso de intérpretes da Georgetown University, Washington, D.C., e trabalhado nos Estados Unidos, em Cuba e no Peru, como intérprete de conferência. Apresentei-me à diretora de Letras — a professora Amélia Lacombe, que não podia acreditar na coincidência: o curso acabava de ser criado, e eis que caía do céu uma professora. Fui imediatamente contratada. Assim, demos início à aventura de criar um curso de formação de intérpretes, de início com duas disciplinas: Interpretação Simultânea e Interpretação Consecutiva.

Dois ou três anos mais tarde, demos início à estruturação da habilitação Tradutor. O curso, que já tinha uma ou duas disciplinas em funcionamento com o experiente professor Kenneth James Payne que, sendo horista, não tinha condições de colaborar muito na criação do novo programa. Então partimos para a ação, sem qualquer pesquisa de mercado ou modelo anterior, pois seria o primeiro curso de tradutor-intérprete do país.

A aluna fazia as duas habilitações conjuntamente. Depois de formada, ela escolhia qual a que queria seguir. (Uso o feminino, pois só havia alunas do sexo feminino; neste caso, por que usar o masculino? A gramática é machista...) Quatro ou cinco anos depois as duas habilitações foram separadas em termos de currículo e ênfase.

No começo, o núcleo programático de Tradução era bem reduzido — talvez duas disciplinas — mas pouco a pouco fomos ampliando-o. Foi um trabalho de conquista de espaço dentro de Letras, um trabalho acadêmico e político, determinar quais as necessidades de disciplinas para a formação do tradutor, que não coincidiam necessariamente com as da formação de professor de línguas.

Quanto ao modelo que seguimos para a estruturação do curso, nos Estados Unidos só havia cursos de intérpretes para as Nações Unidas e outros organismos internacionais. Havia, sim, escolas na Europa, mas nós as desconhecíamos. Assim, não tivemos modelo. Nossa orientação era unicamente perseguir o objetivo de formar o tipo de profissional que tínhamos em mente. Tínhamos bem claro aonde queríamos chegar. A certa altura

introduzimos a disciplina Português para Tradutor I, e depois Português para Tradutor II, convencidos de que as alunas, apesar de falantes nativas do português, apresentavam deficiências. Criamos novas disciplinas, substituindo algumas de Linguística e Literatura não diretamente relevantes para a formação de tradutor. A última reformulação de que participei foi em 1989.

Havia uma boa dose de entusiasmo e convicção em nosso trabalho, pois acreditávamos que estávamos construindo algo novo e promissor — o que foi demonstrado nesses anos de atividade por tradutores e intérpretes inteligentes e competentes, atuando no país e no estrangeiro. Era uma aventura prazerosa descobrir avanços e omissões, avançar em direção à meta fixada: “a formação de tradutores capazes de enfrentar as dificuldades naturais da profissão — que são milhares e imprevisíveis, onde só inteligência, reflexão e uma lógica bem fundamentada levariam ao sucesso.” Gradualmente a metodologia adequada foi sendo descoberta, ou construída, e o curso se aperfeiçoado, ao serem acrescentadas disciplinas, inclusive estágios de tradução. Embora muitas escolas de tradução no Brasil e no exterior não se interessassem por tradução literária, nós optamos por incluir disciplinas da área de literatura, que ajudavam a aumentar a capacidade comunicativa e expressiva dos alunos. Já nessa época eu havia passado para o programa de Tradução do Departamento de Letras, para mim mais estimulante em termos de reflexão, metodologia e pesquisa. O diretor do Departamento, Affonso Romano de Sant’Anna, teve grande influência sobre o curso, valendo-se de seu prestígio para apoiar nossa iniciativa. Também muito nos ajudou a professora Marilda Averbug, embora fosse da área de francês.

Pouco depois da fundação da Associação Brasileira de Tradutores, eu e Teresa Machado, minha aluna e monitora, fizemos uma visita à sede da instituição, que funcionava numa sala da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais). Ficamos um pouco intimidados diante de tantos grandes nomes da intelectualidade e das letras do Rio de Janeiro: Antônio Houaiss, Paulo Rónai, Raimundo Magalhães Jr. e outros igualmente ilustres.

Em 1975, realizamos na PUC-Rio o I Encontro Nacional de Tradutores. O evento foi um grande sucesso, embora fosse precária a divulgação, fundada no boca-a-boca e no correio do Departamento; chegou a ser noticiado nos jornais. Duas semanas antes, a diretora da CCE (Coordenação de Cursos de Extensão) da PUC, órgão através do qual eram feitas as inscrições, previu que o Encontro teria êxito, pois já havia muitos

interessados inscritos. O auditório do RDC, onde há lugares para 120 pessoas, ficou lotado, com participantes apertando-se nas escadas e no hall de entrada pedindo que reabrissemos as inscrições já encerradas. Ao todo, cerca de 350 pessoas participaram. Os debates eram vivos e apaixonados; os tradutores trocavam ideias e vivências, defendendo sua profissão. Foram três tardes no mês de abril. Em cada uma delas havia uma conferência e dois painéis sobre temas variados, seguidos de debates. As conferências foram proferidas por figuras altamente respeitadas: Antônio Houaiss no primeiro dia, Carlos Lacerda — falando como tradutor e não como político — no segundo, e nosso querido amigo Paulo Rónai no terceiro. A presença de pessoas tão eminentes muito ajudou a divulgação do evento. Houve painéis sobre tradução literária e tradução técnica, outro com órgãos de classe, um de editores e um sobre o ensino da tradução, com professores de várias escolas. Eram tantos os interessados que a ABRATES levou fichas de inscrição para os participantes no final do terceiro dia.

Passada a turbulência exitosa do Encontro, voltamos a nosso cotidiano, com seus desafios. Nessa época, já contávamos com a colaboração dos professoras Maria Paula Frota, Paulo Henrique Britto, Maria Carmelita Padua Dias e Sílvia Beatriz Alexandra Becher. Mais tarde, Carmelita se transferiu para o setor de Linguística, e a Sílvia, para Interpretação; passou a integrar o curso a professora Marcia A. P. Martins. Ganhamos importância os estágios de tradução, uma oportunidade valiosa para os alunos. O Estágio Supervisionado I era feito geralmente internamente à PUC; os alunos traduziam textos para outros departamentos, muitas vezes em áreas afastadas de sua experiência; era um serviço prestado por Letras à universidade. Já o Estágio Supervisionado II era realizado em editoras ou firmas de tradução, com um professor do curso atuando como revisor.

Em 1978, realizamos um Concurso Nacional de Tradução de Conto e Poesia, estendido a todo o território nacional. Os candidatos propunham uma tradução para o conto “Morning”, de John Updike, ou para a “Rhapsody for a windy night” de T. S. Eliot. O concurso teve grande repercussão na imprensa.

Mais tarde organizamos um Encontro de Professores de Tradução, numa época em que havia pouco interesse acadêmico pelo ensino da tradução. Eu era então diretora do Departamento, e tive a satisfação de receber na PUC professores da USP, da Ibero-Americana de São Paulo, da UFF, da UFRJ. Algumas dessas instituições não ofereciam curso de tradução, mas estavam interessadas no tema. As discussões foram valiosas, e

recebemos pedidos e incentivos para realizar outro Encontro Nacional de Tradutores semelhante ao primeiro.

Tendo terminado meu mandato de diretora, com o apoio da Maria Paula, da Carmelita e da Sílvia, comecei a planejar o II Encontro Nacional, que teve lugar em maio de 1985. A decisão de realizar o encontro levou em conta a importância do lugar que a PUC-Rio ocupava na formação de tradutores, a grande relevância da atividade tradutória numa país linguisticamente isolado como o nosso, e por último a situação injusta vivida pelo tradutor, em termos de reconhecimento intelectual e honorários atribuídos. Houve uma merecida homenagem a Paulo Rónai, que pronunciou uma emocionante conferência de abertura. Nela, Rónai apontava para a necessidade urgente de união da classe: “Gostaria que todas as pessoas que concorreram a esta reunião tivessem um momento de orgulho por terem escolhido esta carreira. Afinal de contas, num mundo estraçalhado por ódios ou mal-entendidos que ameaçam a própria existência da humanidade, os tradutores, de certa maneira, são artífices modestos da comunicação geral, do entendimento universal, construindo pontes entre indivíduos e nações, constituindo uma categoria de boa vontade por excelência.” O poeta e tradutor Ivan Junqueira preferiu uma conferência intitulada “Eliot: tradução, traição e transcrição”, comentada por Antônio Houaiss. A conferência de Lauro Grillo Jr. versou sobre “O tradutor na era da informática.” Eis a relação dos painéis que foram realizados no evento: “O livro traduzido e a cultura nacional”, “Aspectos da tradução literária”, “Aspectos da tradução não literária”, “O papel da tradução no desenvolvimento nacional”, “A formação do tradutor” e “O tradutor: profissão e luta”. No final do Encontro, houve um pedido formal para que realizássemos encontros semelhantes a cada dois anos. Sugerimos que os eventos fossem organizados em outras regiões do Brasil, sugestão essa que foi aprovada com entusiasmo. E assim se sucederam encontros em Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Fortaleza...

É preciso mencionar também nossas atividades na CCE. Além dos inúmeros cursos de curta duração oferecidos à população de fora da universidade, criamos dois cursos de longa duração: o de Formação de Tradutores e a Especialização (pós-graduação *lato sensu*), em que foram produzidos trabalhos abordando uma infinidade de temas e aspectos da tradução, que constituíram uma contribuição valiosa para os estudos da área.

Acabou a história, pelo menos no que concerne a mim. Desde os idos de 1971, quando vim para a PUC, até agora, construímos um programa forte, conhecido no Brasil

e no exterior, bem estruturado, com ex-alunos de sucesso no mundo da tradução e professores que levam suas pesquisas a inúmeros congressos aqui e pelo mundo afora.

Não posso terminar sem expressar meus agradecimentos aos colegas aqui presentes e a outros que colaboraram entusiasticamente com nossas atividades. Também agradeço aos que tiveram a cuidado de registrar de alguma forma o nosso percurso — a Marcia Martins, com seu trabalho já mencionado; a monografia de Elizabete Bonaparte sobre o I Encontro Nacional de Tradutores²; e o belo trabalho de Lia Wyler, “Línguas, poetas e bacharéis”³, um marco nos Estudos da Tradução no Brasil, sendo adotado em várias universidades do país. Esses documentos me ajudaram a recordar instantes importantes e emocionantes da minha história no Departamento de Letras.

Muito obrigada a todos.

² N.E.: A monografia, intitulada “I Encontro Nacional de Tradutores: a (re)construção da imagem da profissão do tradutor no Brasil” (2005), foi posteriormente publicada sob forma de artigo em *Tradução em Revista* v. 5 - Tradução e/na história, 2008. Disponível em http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/trad_em_revista.php?strSecao=input0.

³ N.E.: WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.